



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no jantar
oferecido pelo Presidente da Argentina, Néstor Kirchner**

Palácio San Martín – Buenos Aires – Argentina, 16 de outubro de 2003

Companheiro e presidente da nação argentina, Néstor Kirchner, e sua
senhora, Maria Cristina Fernández de Kirchner, também extraordinária
senadora da nação argentina,

Minha querida esposa,

Excelentíssimo senhor Rafael Bielsa, ministro das Relações Exteriores,
Comércio Internacional e Culto,

Meu companheiro Celso Amorim,

Senhor embaixador Pablo Lohlé, embaixador da Argentina no Brasil,

Embaixador José Botafogo Gonçalves, embaixador do Brasil na
Argentina,

Meus amigos ministros do meu país,

Deputados e deputadas do Brasil, que vieram nesta delegação,

Empresários brasileiros e argentinos,

Deputados e senadores da Argentina e do Brasil,

Meus companheiros sindicalistas,

Estou vendo o Vitor de gravata, está mui elegante.

Andando pelas ruas de Buenos Aires e chegando a este majestoso
prédio, andando também pelas ruas de algumas cidades brasileiras e
analisando os números históricos da economia da Argentina e da economia
brasileira, de vez em quando me pergunto: onde nós erramos? Em que época,
em que dia, em que hora apertamos um botão que fez com que a pujança dos
nossos países não tivesse garantido aos nossos povos o direito de ter tido a
oportunidade de aproveitar as potencialidades da Argentina e do Brasil?



Certamente, qualquer ser humano do planeta Terra que vier a Buenos Aires e andar pelas ruas do centro da cidade vai notar que um dia este país já foi economicamente muito forte e muito importante. Da mesma forma o Brasil, que de 1950 a 1980, cresceu acima de 7% ao ano, foi um dos países que mais cresceu no mundo. E essa riqueza produzida se concentrou na mão de poucos ou evaporou-se num processo nem sempre honesto, de muita corrupção praticada ao longo da história, nos nossos países e no nosso Continente. Porque não é possível que dois países, com a benção de Deus pela fertilidade de sua terra; com a benção de Deus pela inteligência e pela criatividade do seu povo, não tivessem acompanhado, na década de 50, a chance que lhes foi dada.

Saio de Buenos Aires com a certeza de que respirei aqui o ar mais puro da lealdade na relação com o Brasil. Saio daqui convencido, presidente Kirchner, de que quis Deus que Vossa Excelência e eu tomássemos posse como Presidentes no mesmo ano, com alguns meses de diferença. Isso vai possibilitar a nós dois provarmos ao povo argentino e ao povo brasileiro se seremos ou não dignos da extraordinária confiança que o povo argentino e o povo brasileiro depositaram nas nossas eleições.

E estou mais do que certo de que temos importante oportunidade histórica de construir a mais forte parceria entre a Argentina e o Brasil já construída desde a nossa existência. Primeiro porque percebemos, num determinado momento, que somos pobres, que não temos o PIB que gostaríamos de ter, que não temos a distribuição de renda que gostaríamos de ter. E também porque descobrimos que um povo não pode ser levado a coisas que não são verdadeiras durante muito tempo, a promessas falsas, a crescimentos sem sustentabilidade, a uma riqueza que não chega à casa do povo pobre.

Tanto na Argentina quanto no Brasil, durante muito e muito tempo, a notícia era de que estávamos chegando ao paraíso. As promessas aconteciam



24 horas por dia na televisão. Éramos modernos, estávamos caminhando para o Primeiro Mundo, estávamos entregando todo o nosso patrimônio em benefício do nosso crescimento. E como eu aprendi, desde pequeno, que mentira tem perna curta, o que aconteceu é que em pouco tempo descobrimos que tinham nos enganado, que nem a Argentina e nem o Brasil estavam na situação confortável que queriam fazer crer que estavam.

Agora, nós dois, os nossos deputados e senadores, os nossos empresários, os nossos intelectuais precisam nos ajudar a construir esse novo caminho, o caminho da verdade, porque a verdade, muitas vezes, é muito dura. É por isso que muita gente prefere contar uma inverdade, porque é mais fácil acreditar numa leviandade do que numa verdade dura.

Nós dois temos a chance de, com muita humildade mas, ao mesmo tempo, com muito compromisso, mexermos com as mentes e com os corações dos nossos trabalhadores, dos nossos empresários, das nossas empresárias, dos nossos governadores, dos nossos deputados, dos nossos senadores, para que todos assumam o compromisso de que consertar a economia argentina, consertar a economia brasileira não é uma tarefa apenas de responsabilidade do presidente Kirchner e do presidente Lula, do ministro Lavagna ou do ministro Palocci, do ministro Amorim ou do ministro Bielsa. Consertar nossas economias, fazer a economia crescer e fazer a distribuição de riqueza – que precisa ser feita, porque, sem a distribuição de riquezas, não haverá paz eterna em nenhum país do mundo – é obrigação de cada homem e de cada mulher que habitam os nossos países.

Por isso, quero dizer ao presidente Kirchner que, certamente, o seu comportamento nesses poucos meses de governo mexeu com mentes e corações do povo argentino. E certamente fizemos o mesmo no Brasil.

Diziam que nós não íamos conseguir governar porque não tínhamos maioria no Congresso. Eu não tenho maioria, mas não perdemos, até agora, nenhuma votação importante, porque os deputados e senadores,



independentemente de quem seja Presidente, estão pensando no Brasil, estão pensando nas futuras gerações.

Diziam que a economia não ia ser recuperada. Estamos recuperando. Tanto o presidente Kirchner como eu teremos que provar, todo santo dia, as razões pelas quais nós fomos eleitos. E estou certo de que não quero passar para a história do meu país apenas por ter na parede do salão de honra do Palácio do Planalto uma fotografia de Presidente. E tenho a convicção de que Vossa Excelência também não quer passar para a história por isso.

Nós queremos, sem querer ser melhor do que ninguém, passar para a história porque tivemos a coragem, tivemos o compromisso de dizer, em alto e bom som, a quem quisesse ouvir: não se constrói uma nação com meia dúzia de pessoas ricas e milhares de pessoas pobres; não se constrói uma nação com meia dúzia de pessoas morando bem e a grande maioria morando mal; não se constrói uma nação com poucos tendo acesso a uma universidade e a um diploma de pós-graduação e a maioria não podendo freqüentar o ensino fundamental.

E nós – eu não tenho dúvida nenhuma, presidente Kirchner – fomos eleitos para dar demonstração, a quem queira saber, que é possível fazer política diferente, é possível ser honesto e é possível olhar para a cara de cada criança, de cada mulher e de cada homem pobre do nosso continente, mesmo quando não conseguimos fazer aquilo que eles esperavam, e dizer: não fizemos porque não pudemos, mas não mentimos, não traímos e não roubamos. Isso, por si só, fala mais alto do que qualquer grande mentira que se conte para o nosso povo.

Sinto no olhar do povo argentino a recuperação da auto-estima, a volta do orgulho de ser argentino, a volta do orgulho de ser portenho, a volta do orgulho de dizer: eu sou de uma nação que já foi rica e que pode voltar a ser. O mesmo acontece com a minha gente, no Brasil.

Por isso, nós dois estamos predestinados a não errar. Estamos



predestinados a dar todo o tempo da nossa vida – e que as nossas mulheres nos perdoem – para que possamos construir uma nação argentina efetivamente rica, uma nação argentina onde as pessoas conquistem a cidadania. E que no Brasil também a gente possa construir um país socialmente mais justo e que o resultado da riqueza seja distribuído, em igualdade de condições, por todos que produziram a riqueza.

Quero, com essas palavras, pedir a todos que façamos um brinde a este encontro e ao presidente Kirchner, Presidente da nação argentina.